



Educação sexual na adolescência: Relato de experiência de três anos no Programa Educacional Pequeno Cientista

Nayara Gonçalves Barbosa¹, Clarice Izumi², Kleber José Vieira³, Letícia de Almeida Dionizio⁴, Juliana Bento de Lima Holanda⁴, Vinicius Moreno Godoi⁵, Marisa Ramos Barbieri⁶, Flávia Azevedo Gomes-Sponholz⁷

Resumo: O objetivo deste trabalho é descrever a experiência de extensão do projeto "Saúde do Adolescente: educação sexual, contracepção e infecções sexualmente transmissíveis". Este relato apresenta a trajetória metodológica e experiências acadêmicas de atividades educativas desenvolvidas no programa educacional "Pequeno Cientista", coordenado pela Casa da Ciência da Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto, no período de 2017 a 2019. O projeto contou com a participação de 23 alunos da rede básica de ensino, orientados por pós-graduandos e docentes da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. As atividades foram desenvolvidas semestralmente em pequenos grupos, com a realização de um encontro semanal de uma hora de duração, consumando o total de 12 encontros. Foram empregados como recursos: aulas expositivas argumentativas e práticas, dinâmica de grupo, jogos didáticos, infográficos e vídeos. Os adolescentes participaram ativamente das atividades propostas e realizaram a simulação de vivências através de teatro, elaboraram histórias em quadrinhos e redações. A aproximação da temática com a realidade dos estudantes, por meio de estratégias pedagógicas alternativas propiciou a apropriação de conhecimentos, assimilação de conceitos e a reflexão crítica a respeito da importância da educação sexual na adolescência, favorecendo a adoção de práticas de comportamento preventivo. O desenvolvimento das atividades educacionais contribuiu significativamente para o processo de formação dos adolescentes e difusão de conhecimentos, além de contribuir com a formação e aproximação com a comunidade, e aprimoramento didático do pós-graduando para o exercício da docência e desenvolvimento de atividades de extensão.

Palavras-chave: Gravidez na Adolescência, Prevenção Primária, Relações Comunidade-Instituição, Ensino

Sexuality education for adolescents: a report of three years on "small scientist" program

Abstract: This study aims to report the extension program's experience: "Adolescent Health: sexuality education, contraception, and sexually transmitted infection." The paper presents a methodological direction and academic experiences of educational activities developed on the "Small Scientist" education program. The House of Science (Casa da Ciência) at Hemocentro Foundation of Ribeirão Preto conducted the activities from 2017 to 2019. The total number of participants was 23 students from elementary and high school. They were carried out by graduate students and professors of Ribeirão Preto School of Nursing – University of São Paulo (EERP/USP). The activities were developed biannually in small groups and one-hour weekly meetings – counting 12 days. The students could learn from argumentative and practical expositive lessons, group dynamics, educational games, and videos throughout the extension program. The adolescents joyfully participated in the proposed activities, played performances, and wrote comics and essays. The approach of the theme with the students' reality provided: the appropriation of knowledge, assimilation of concepts, and critical reflection on the relevance of sex education. Therefore, the program encouraged the adoption of preventive behavior practices by adolescents through alternative pedagogical strategies. As a result, the development of educational activities has contributed significantly to the instruction process for adolescents and the dissemination of knowledge on it. Moreover, it contributes to the training, can reach the non-academic community, and helps the didactic material improvement of the graduate student for the practice of teaching and development of extension program.

Keywords: Adolescent Pregnancy; Primary Prevention; Community-institutional relations; Teaching

DOI: <https://doi.org/10.36661/2358-0399.2022v13n3.12488>

Originais recebidos em

24 de março de 2022

Aceito para publicação em

24 de julho de 2022

1

Enfermeira, Professora, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Endereço: Rua José Lourenço Kelmer - São Pedro, Juiz de Fora - MG, 36036-900, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-3646-4133>

(autora para correspondência)

nagbarbosa@ufff.br

2

Bióloga, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

3

Assistente Social, Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública, Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

4

Enfermeira, Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública, Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

5

Biólogo, Casa da Ciência do Hemocentro de Ribeirão Preto, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, (USP), Brasil.

6

Bióloga, Coordenadora da Casa da Ciência do Hemocentro de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, (USP), Brasil.

7

Enfermeira, Professora Associada, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, (USP), Brasil.

Introdução

A adolescência (10 - 19 anos) é um período transicional de desenvolvimento biopsicossocial, sobretudo no que tange aos aspectos da saúde sexual e reprodutiva (Ministério da Saúde, 2017). Entre as metas pactuadas pelo Brasil para o cumprimento da agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável destacam-se: *a)* garantir a educação sexual integral e *b)* promover, proteger e garantir a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos para todos (as) (Buss, 2017).

A taxa de gravidez na adolescência no Brasil é de 68/1.000, acima da média global (46/1.000) e da América Latina (65/1.000). Desse total, 66% tratam-se de gestações não intencionais e 75% das mães adolescentes não frequentam as escolas (The Lancet, 2020). A gravidez na adolescência tem um impacto profundo na vida dos indivíduos, perturbando significativamente seus desenvolvimentos psicossocial e educacional, além de limitar as oportunidades de inserção no mercado de trabalho, o que contribui para a perpetuação do ciclo da pobreza, exclusão e marginalização (Pan American Health Organization [PAHO], 2017).

Outra preocupação refere-se às infecções sexualmente transmissíveis (IST). Os dados sobre prevalência de IST na população adolescente no Brasil são imprecisos. No entanto, os dados sobre a não utilização de preservativos indicam a vulnerabilidade de adolescentes a essas infecções (Noll et al., 2020). Ademais, adolescentes tendem a não acessar serviços de saúde regularmente e necessitam de uma abordagem preventiva, com ênfase na educação sexual abrangente e de alta qualidade desde cedo (The Lancet, 2020).

Considerando os desdobramentos da iniciação sexual precoce e de práticas sexuais desprotegidas entre os adolescentes, o desenvolvimento de atividades educacionais voltadas à essa população deve ser considerado como uma estratégia de saúde pública na prevenção de infecções e/ou agravos e promoção da saúde do adolescente. Finalmente, este tipo de atividade pode proporcionar o bem-estar e adequado desenvolvimento físico, mental e social do indivíduo e promover o exercício da autonomia e empoderamento dos adolescentes quanto às decisões relacionadas à prática sexual segura (Genz et al., 2017).

Apresentação do projeto

As atividades tiveram como objetivo apresentar alguns tópicos da educação sexual na adolescência, com ênfase nos métodos contraceptivos, prevenção de IST/AIDS, além de promover a reflexão acerca das vulnerabilidades e responsabilidades a partir da ocorrência da gravidez, tanto para o menino quanto para a menina, contribuindo na compreensão da sexualidade entre os adolescentes nos ambientes escolar e familiar.

O programa educacional "Pequeno Cientista", coordenado pela Casa da Ciência da Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto iniciou-se em 2012 (Trigo et al., 2017). O programa tem como objetivo promover a integração entre pesquisadores/pós-graduandos da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto, com estudantes do ensino fundamental e médio, a partir de 12 anos de idade (Prado et al., 2017; Veronez et al., 2019).

Método

Esta pesquisa descreve aspectos vivenciados pelos autores, durante o desenvolvimento de atividades de extensão, no período de 2017 a 2019, por pós-graduandos e docentes vinculados ao Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP), sob coordenação da Casa da Ciência.

Trata-se de um olhar qualitativo, a partir de métodos descritivos e observacionais, cujos dados foram obtidos

a partir da análise dos registros de diário de campo e observação estruturada (pesquisador participante). O trabalho foi desenvolvido durante 12 encontros ao longo do semestre, incluindo a apresentação aos demais participantes do projeto, das experiências e conhecimentos adquiridos, produzido pelos próprios alunos com auxílio dos orientadores.

Os estudantes participantes das atividades são oriundos da rede básica de ensino da macro região de Ribeirão Preto, que participam das atividades da Casa da Ciência pelo intermédio das suas secretarias municipais de ensino. As atividades educativas foram realizadas por pós-graduandos com formação em enfermagem, serviço social e biologia, indicando uma abordagem multiprofissional ao tema que se caracteriza por ser de natureza bastante complexa.

As atividades se ocorreram semestralmente, onde cada grupo de alunos orientados é alternado, nas quais os (as) orientadores (as) propuseram ações a serem realizadas ao longo de 10-11 encontros semanais, ao longo do semestre, com duração de 1 hora e 15 minutos cada (Trigo et al., 2017). No fim do semestre, os estudantes sistematizaram o que apreenderam e realizaram a exposição destes materiais (na forma de painéis, maquetes, cartazes, entre outros), que foram apresentados em um mural, em um pequeno congresso semestral, organizado pela Casa da Ciência, momento em que foi realizada a avaliação do programa (Veronez et al., 2019).

Delimitação e organização das atividades

Com o intuito de superar a abordagem tradicionalmente 'biologicista', na perspectiva de integralidade às diferentes dimensões humanas, optou-se por utilizar a metodologia de Oficinas em dinâmica de grupo, cuja definição é um trabalho estruturado com grupos, focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A abordagem não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir (Afonso, 2002).

A abordagem dos temas foi desenvolvida por meio de rodas de conversa com os estudantes, sendo os pós-graduandos os facilitadores, conduzindo o grupo de forma participativa e dinâmica, além de fomentar discussões e contextualizar os temas, instigando a participação dos membros de maneira organizada. Durante as atividades, utilizaram-se os seguintes recursos: projeção de lâminas, cartazes, vídeos, jogos, modelos anatômicos em acrílico, quadro de métodos contraceptivos e simuladores de baixa fidelidade, além da leitura e discussão de textos (artigos científicos, notícias atuais de jornal e da internet, dentre outros).

Resultados da Experiência

Os resultados serão apresentados em forma de descrição dos encontros realizados entre os orientadores e os estudantes do programa "Pequeno Cientista". No total, participaram 23 alunos, com idade de 12 até 16 anos (Tabela 1), com atividades desenvolvidas no período de um semestre com cada grupo.

Tabela 1. Relação de participantes do programa "Pequeno Cientista" por sexo, no período de 2017 a 2019, em número absoluto e porcentagem por sexo.

Ano	Sexo masculino (%)	Sexo feminino (%)	Total
2017	4 (50)	4 (50)	8
2018	1 (11)	8 (89)	9
2019	1 (17)	5 (83)	6
Total	6 (26)	17 (74)	23

Durante os encontros, os estudantes foram orientados a realizarem anotações em seus cadernos individuais, para o registro de seu crescimento acerca dos temas trabalhados. Para proporcionar oportunidade de comunicação aos estudantes mais tímidos, que não queriam se identificar, foi confeccionada em papelão uma “caixinha de dúvidas”, colorida e com colagem, onde poderiam depositar por escrito sua dúvida; ao final da atividade, a pergunta era esclarecida coletivamente, sem identificação. Reitera-se que os estudantes foram receptivos às atividades propostas, mostrando interesse e envolvimento. Observamos que os adolescentes apresentavam concepções prévias e superficiais acerca do tema, além de dificuldades conceituais a respeito do corpo humano, métodos contraceptivos e prevenção de IST/AIDS.

Encontro 1: Mitos e verdades sobre a sexualidade

No primeiro encontro realizou-se a integração entre os orientadores e os estudantes selecionados para o grupo. Realizou-se a apresentação da proposta, bem como seus objetivos, hipóteses de aprendizado, além da metodologia a ser aplicada. Solicitou-se que cada aluno fizesse sua própria apresentação e falasse sobre suas expectativas acerca do projeto em questão.

Observou-se grande introversão dos estudantes; entretanto, no decorrer das atividades, estes se sentiram mais à vontade e, a partir daí, se tornaram mais participativos. Vale destacar que todos apresentaram a mesma expectativa, ou seja, o autoconhecimento com relação à sua sexualidade, tendo em vista que alguns participantes referiram não conversarem sobre essa temática com seus pais.

Os alunos relataram o contato prévio, pelo menos uma vez, com o tema “educação sexual”. Com o objetivo de avaliar o conhecimento do grupo foi realizado um jogo a respeito dos mitos e verdades sobre a sexualidade. Inicialmente, os alunos receberam três placas: uma verde (Concordo com a afirmativa), uma amarela (Dúvida) e uma vermelha (Não concordo). Em seguida foram realizadas afirmações feitas pelo orientador acerca do tema e os alunos posicionaram-se a respeito da sua veracidade. A atividade foi extremamente bem recebida pelos adolescentes, inclusive pelos mais tímidos, que aproveitaram o momento para fazer seus questionamentos. Durante a atividade, as dúvidas foram esclarecidas, de forma sucinta, porém foi elucidado que iríamos tratar desses assuntos mais detalhadamente durante os encontros que se sucederam.

Algumas das perguntas que surgiram neste primeiro encontro, foram: “*O uso de duas camisinhas (juntas) pode prevenir “melhor” uma gravidez ou IST?*”; “*Por que se chama pílula do dia seguinte? Tem que usar no mesmo dia?*”; “*A pílula do dia seguinte pode causar aborto?*”; “*O que fazer quando a caminha estourar?*”; “*Transar três dias antes/depois de menstruar é garantia de não engravidar?*”; “*Informações sobre Viagra e bombas (hormônios)*”; “*Uma grávida pode menstruar?*”; “*O que é menopausa? O homem tem menopausa?*”; “*O HIV é transmitido através da saliva?*”; “*Beijo na boca pode transmitir o HIV?*”.

Encontros 2 e 3: Adolescência: uma etapa de mudanças biopsicossociais.

No segundo encontro, as atividades foram iniciadas realizando questionamentos e reflexões acerca do que é adolecer? O que é ser adolescente? Fale um pouco da sua autoimagem corporal. Como você se vê e se reconhece? Quais as modificações físicas que ocorreram e que você percebeu em seu corpo? Quais as modificações psicológicas que ocorreram e que você percebeu em você?

Como resultado dessa discussão, elaborou-se em conjunto o significado de ser adolescente, considerada uma fase de transição da infância para a idade adulta. Sendo uma fase difícil, de muitos problemas, angústias, choro, irritação e muitas mudanças. Inclusive, uma participante exemplificou o caso de uma colega que era bastante extrovertida, alegre e animada, mas, com a adolescência, mudou seu comportamento, tornando-se mais introvertida e retraída. Momento oportuno para que todos expressassem suas dúvidas e inquietações vividas, como forma de tentar compreender melhor a fase da adolescência. Nesse sentido, todos concluíram a

importância e a necessidade de encararem a fase da adolescência com naturalidade, sejam estas mudanças físicas e/ou psicoemocionais.

Após essa discussão inicial, foram ministradas aulas expositivas e participativas sobre anatomia e fisiologia básica do sistema reprodutor masculino, feminino e cuidados de higiene corporais. Foram utilizados simuladores de baixa fidelidade e peças anatômicas em acrílico para demonstração das estruturas anatômicas.

Os estudantes demonstraram bastante interesse durante a atividade, sobretudo ao abordar o ciclo menstrual e a questão da higiene da glândula peniana. Alguns questionamentos importantes foram feitos neste dia, sobre a localização do bebê quando a mulher engravida e sobre o processo da fecundação, temas abordados durante o encontro.

Encontro 4: Métodos contraceptivos

As atividades abordaram sucintamente aspectos relacionados ao período fértil e fecundação. Realizou-se a apresentação dos métodos contraceptivos quanto ao manuseio, vantagens, desvantagens, limitações além de possíveis contraindicações. Foram abordados os seguintes métodos: barreira (preservativos masculino e feminino, diafragma), hormonais (orais e injetáveis, DIU hormonal), além de contraceptivos emergenciais (pílula do dia seguinte) e métodos irreversíveis (vasectomia e laqueadura).

Foram utilizados os recursos: quadro de métodos contraceptivos, simuladores para demonstração da técnica, preservativos masculino e feminino, gel lubrificante e luvas. Neste momento, os alunos tiveram a oportunidade profunda e didática de conhecer e ter contato com os métodos, manuseando-os.

Os estudantes expuseram também que a comunicação com os pais/responsáveis sobre o assunto de prevenção/proteção sexual não existia, ou ocorria de forma pontual. Também ressaltaram que na escola os professores tratam sobre a educação sexual, sendo conversado estritamente dentro das aulas de ciências, quando é abordado em aula o desenvolvimento do corpo humano e apresentado o preservativo masculino, como o único método para não haver uma gravidez indesejada e/ou contrair IST. Verificou-se que a maior parte dos adolescentes desconheciam o preservativo feminino, além de apresentarem várias dúvidas sobre o uso de contraceptivos orais e contracepção de emergência. Os alunos reconheceram que o formato adotado pelo grupo dentro do programa "Pequeno Cientista" seria um excelente exemplo positivo de como poderia ser um formato para eles trabalharem sobre educação sexual dentro da escola.

Encontros 5 e 6: Gravidez, maternidade e paternidade na adolescência

Ainda sobre o tema, foi apresentado o retrato atual do Brasil em gravidez não planejada entre adolescentes e suas consequências, utilizando um vídeo disparador para a discussão do grupo, exibido no Profissão Repórter (2017). Surgiram alguns comentários sobre o impacto de uma gestação não desejada para a vida do adolescente. Foi levantada uma reflexão sobre por que a gravidez não planejada acontece, em maior parte, com adolescentes inseridos em contextos com maior fragilidade e vulnerabilidade econômica e social. Isto possibilitou o aprofundamento sobre informações sobre os riscos sociais, físicos e econômicos que envolvem a esfera da saúde do adolescente em seus contextos sociais diferentes.

Um ponto em destaque foi a conclusão de que as principais consequências da gravidez na adolescência, no ponto de vista econômico, ficam a cargo dos avós que terão que assumir responsabilidades. Outro aspecto agravante é que um adolescente, tornando-se pai ou mãe, provavelmente necessite interromper seus estudos para cuidar de seu filho. Além disso, foi destacada a dificuldade destes genitores iniciarem atividade trabalhista formal, levando ao comprometimento em várias perspectivas de vida destes adolescentes, afetando todos os integrantes do núcleo familiar.

Os estudantes demonstraram grande interesse com o tema, assimilando os conceitos anteriores, fornecendo subsídios para embasarem melhor a discussão. Os estudantes demonstraram interesse em questões referentes ao pré-natal e de sua importância para melhorar a qualidade de vida do adolescente e do bebê; questionou-se ainda a respeito das modificações do corpo da adolescente quando fica grávida e sobre o parto. Durante as discussões que se sucederam, os estudantes expuseram relatos de experiências de pessoas próximas a eles que passaram por essa experiência e quais foram os entraves e desafios enfrentados.

Em 2018, a temática gravidez na adolescência despertou bastante o interesse do grupo, com a produção de uma peça teatral, com o roteiro elaborado pelos estudantes, tratando sobre o preconceito e estigma, vivenciado por uma adolescente grávida. Foi elaborada duas situações distintas, sendo uma dentro do contexto escolar e outro dentro do contexto familiar. Um dos pontos fortes de reflexão entre os dois grupos, esteve pautado no aspecto negativo em relação às duas situações; na escola a menina sofria preconceito e não tinha apoio do genitor da criança e, no outro, a menina grávida era verbalmente punida pelos pais.

Os estudantes demonstraram preocupação com a saúde mental das adolescentes e demonstraram empatia, reforçando a importância da rede de apoio social, inclusive dos amigos de quem vivencia essa experiência, além da importância de se posicionarem contra os preconceitos e exclusão social que muitas adolescentes vivenciam.

Encontros 7 e 8: Infecções sexualmente transmissíveis (IST)

Foi realizada aula expositiva e dialogada a respeito das principais IST: HIV/AIDS, Sífilis, Clamídia, Gonorreia, Cancro mole, Herpes genital, Condiloma genital, Hepatite B, Candidíase, Pediculose pubiana, discutindo sobre os agentes etiológicos, vias de transmissão, manifestações clínicas, tratamento e prevenção.

Durante a abordagem do conteúdo, apresentou-se o vídeo "AIDS, escolha sua forma de prevenção", referente à campanha de prevenção ao HIV/AIDS do Ministério da Saúde (2016), que aborda a Profilaxia Pós-Exposição ao HIV (PEP). Em seguida discutiu-se sobre a prevenção combinada do HIV (Secretaria de Estado da Saúde, 2017), bem como esclarecidas dúvidas em relação ao tratamento dessa infecção.

Nos anos de 2017 e 2018, tivemos um encontro com a participação de uma pessoa portadora de HIV, militante de movimentos sociais, que relatou a sua experiência de viver com HIV, sua trajetória de vida e superação. Inicialmente, os estudantes imaginaram que se tratava de um ator e de uma encenação, entretanto, ao perceberem a situação, tiveram um choque de realidade, que despertou a reflexão crítica, bem como o relato de identificação da história de vida de um dos participantes com o palestrante, que discursou sobre a sua descoberta da sexualidade na adolescência, questões de orientação sexual e vivências. Os estudantes realizaram perguntas e a discussão ocorreu naturalmente, sobretudo na perspectiva de superação de preconceitos e estigmas, e promoção de direitos da pessoa portadora de HIV/AIDS.

Encontro 9: HPV e importância da vacinação do adolescente

Iniciou-se a abordagem a respeito do HPV e de sua importância na saúde do adolescente, sobre os mitos e verdades sobre as vacinas, bem como a associação do HPV com o câncer de colo uterino. Nesse encontro, como atividade prática, os adolescentes conheceram os instrumentos que são utilizados para o exame ginecológico de rotina e como era realizado o exame de "Papanicolau", com a experiência da visualização prática da técnica em um simulador ginecológico de baixa fidelidade, puderam também manusear o material, observaram como o colo uterino se apresenta durante este exame ginecológico. Tiveram ainda a oportunidade de visualizar estruturas internas do corpo feminino, em destaque para o colo uterino, em que lhes foram apresentadas algumas alterações visíveis de lesões características da infecção pelo HPV.

Encontro 10: A influência e segurança dos meios de comunicação e mídias sociais

Neste encontro, de forma expositiva e dialogada, foram inicialmente apresentados os tipos de mídias sociais, riscos e possibilidades das interações na internet através de redes sociais, segurança das informações e como as mídias sociais podem influenciar uma geração de "seguidores".

A atividade foi realizada em forma de roda de conversa, sendo conduzida em sua totalidade pelos próprios relatos dos estudantes, em que o orientador/facilitador fazia apontamentos importantes sobre segurança e responsabilidade das diversas mídias que são apresentadas e formas de se ter acesso a conteúdo de qualidade e confiáveis.

Os estudantes reconheceram que as tecnologias fazem parte de seu cotidiano (Figura 1) e houve uma discussão em grupo e reflexão crítica sobre os pontos positivos e negativos a respeito do uso da internet. Neste momento, os alunos relataram sobre experiências pessoais e de colegas que tiveram a experiência de exposição de fotos e imagens inapropriadas ou que foram expositores de outras pessoas, sem a devida autorização, e elaboraram histórias em quadrinhos a respeito da temática. Entraram também na questão de relacionamentos pela internet (Figura 2) que haviam tido enquanto experiências prévias, envolvendo adolescentes com adultos, bem como de estratégias para reconhecer um possível abusador/aliciador, via internet, e o que deveria ser feito em caso de suspeita, além de formas de denunciar este tipo de atos libidinosos, que são proveitos de interações não consentidas ou que sejam de risco. Durante a discussão, foi ressaltada a importância do diálogo com pais ou responsáveis, e dos perigos dos encontros virtuais.

No final da roda de conversa foi realizada uma sensibilização sobre a disseminação de informações inverídicas (*fake news*) e seus prejuízos para a sociedade.



Figura 1. Interações entre os adolescentes: antes e depois da tecnologia. Produção do Grupo de Pequeno Cientista, Ribeirão Preto/Brasil, 2017.



Figura 2. Riscos dos encontros pela internet. Produção do Grupo de Pequeno Cientista, Ribeirão Preto/Brasil, 2017.

Encontros 11^o e 12^o: Preparo e Apresentação do Pré-mural

O Mural configura-se como evento científico no qual os participantes do projeto “Pequeno Cientista” apresentam os conhecimentos adquiridos nos grupos ao longo do semestre, enquanto o Pré-mural consiste na fase preparatória do Mural.

O 11^o encontro foi destinado à preparação do Mural, com a elaboração de materiais didáticos pelos estudantes, a partir da reflexão e compilação dos conteúdos abordados durante o desenvolvimento das oficinas. A apresentação do Pré-mural é um momento no qual os estudantes apresentam os resultados e antecipam as possíveis dificuldades encontradas no momento da apresentação final, dando assim aos estudantes a oportunidade de discutir com o orientador formas de facilitar a apresentação oficial, bem como o treinamento de como habilidades de comunicação e postura. Também, nesse momento os adolescentes puderam apresentar nervosismo e ansiedade com a iminência da apresentação do mural publicamente, e os orientadores ofereceram suporte emocional para a autoconfiança do adolescente. Ademais, o treinamento da apresentação permite a sistematização, organização e preparo dos adolescentes, evitando-se improvisos.

Mural

O mural da Casa da Ciência (Figura 3A e B) apresenta formato semelhante a um congresso, no qual os estudantes exibem os resultados e materiais confeccionados pelo grupo (cartazes, folhetos e caixinha de dúvidas). Nessa exposição, observou-se a apropriação dos conteúdos pelos estudantes, envolvimento e proatividade. A atividade incluiu a abordagem dos aspectos teóricos sobre a anatomia e fisiologia humana, principais IST discutidas nos encontros, abordagem dos métodos contraceptivos, riscos da internet, bem como discussão sobre a rede de proteção ao adolescente.



Figura 3. Mural do pequeno Cientista. Fonte: Casa da Ciência, Ribeirão Preto/Brasil, 2019.

Os estudantes foram avaliados na apresentação do mural por pesquisadores, pós-graduandos e docentes da Universidade de São Paulo, e apresentaram os resultados para outros adolescentes que participaram de outros grupos temáticos do projeto "Pequeno Cientista". Evidenciou-se a postura adequada do grupo e posicionamento em relação aos questionamentos e argumentos. Observou-se uma melhor compreensão e apropriação da linguagem científica pelos alunos, em contraposição às suas falas iniciais, marcadas pelo senso comum.

O fato do projeto ser desenvolvido em vários encontros, ao longo de um período relativamente largo, permitiu a construção do conhecimento, aprofundamento do tema e maior vínculo com os alunos, com uma abordagem mais complexa e profunda.

Discussão

O presente relato de experiência apresenta o trabalho de três anos desenvolvido no projeto "Pequeno Cientista" acerca da educação sexual na adolescência. As atividades foram desenvolvidas em pequenos grupos, ao longo de dez oficinas, e com a finalização do preparo e apresentação do mural, em forma de pequeno congresso científico, com a exposição dos conhecimentos adquiridos pelos adolescentes para os pares e comunidade acadêmica local, compondo 12 encontros, no total.

A educação sexual refere-se a um tema complexo, com a abordagem da sexualidade humana, incluindo aspectos da anatomia, reprodução, IST/AIDS, atividade sexual, orientação sexual e identidade de gênero, contracepção, direitos reprodutivos e responsabilidades (Breuner & Mattson 2016). A educação sexual na adolescência permite a aquisição de informações, fortalece o pensamento crítico, comunicação e autoconfiança, auxiliando-os na vivência positiva da sexualidade, a partir de escolhas seguras e com o estabelecimento de relações saudáveis. (Breuner & Mattson 2016). Neste artigo, destacou-se que esses são elementos imprescindíveis para a construção da autonomia do adolescente e para o exercício da sexualidade, com base na perspectiva do reconhecimento e respeito da diversidade e dos direitos humanos.

A educação sexual na adolescência permite a prevenção e redução de riscos para a saúde relacionados a gestação não intencional, aquisição de IST. Os conhecimentos e atitudes formadas no período da adolescência apresentam um impacto significativo a longo prazo na vida adulta relacionados com comportamentos sexuais, contracepção, prevenção de IST e fertilidade (Guzzo et al., 2021).

Devido a sua abrangência, considera-se que abordagem de atividades educativas pontuais e fragmentadas apresentem limitações na formação de conceitos e atitudes pelos adolescentes. A abordagem longitudinal do tema em pequenos grupos permitiu a construção do conhecimento por meio de reflexões e diálogos ao longo dos encontros, e aprofundamento do tema, com uma abordagem mais complexa. Ao longo dos encontros, observou-se uma maior compreensão e apropriação da linguagem científica pelos adolescentes, em contraposição às falas iniciais, marcadas por termos casuais, gírias, e conhecimentos do senso comum.

A discussão em pequenos grupos também propiciou um ambiente acolhedor, que permitiu a criação de vínculos entre os participantes. A execução de atividades educativas em pequenos grupos é benéfica por permitir a exposição de sentimentos, vivências pessoais e dúvidas íntimas dos adolescentes. Observa-se que o número reduzido de integrantes em cada grupo favorece a informalidade e o estabelecimento de um vínculo de confiança com os adolescentes, sem que estes se sintam expostos e/ou ridicularizados (Martins et al., 2011).

O tema da sexualidade adolescente gerou intenso debate com os adolescentes, percebeu-se que há um interesse e iniciativa em discutir, verbalizar e expor suas dificuldades, experiências, medos, além de que ressaltaram que os espaços para exposição de seus anseios são escassos com muito estigma ainda. A pesquisa realizada por Cabral e Brandão (2020) concluiu que deve haver políticas públicas voltadas ao exercício

responsável da sexualidade na adolescência e ao enfrentamento da desigualdade de gênero, em qualquer pasta ministerial, precisando contemplar o fortalecimento da escolarização, da autonomia pessoal, da capacidade dos adolescentes refletirem sobre suas escolhas afetivas e/ou sexuais, conhecerem e tomarem medidas de proteção à saúde, como uso do preservativo, dos métodos contraceptivos regulares ou de longa duração, da contracepção de emergência, do acesso ao aborto legal, além do combate às discriminações de gênero, ao racismo, ao machismo, à homofobia, e à transfobia.

Ademais, deve-se considerar que a formação do conhecimento sobre a sexualidade é adquirida na adolescência por fontes formais, como em instituições educacionais, bem como fontes informais, sendo importante a análise crítica do conteúdo, qualidade e confiabilidade das fontes de informações utilizadas pelos adolescentes (Guzzo et al., 2020). Nesse sentido, durante as discussões abordou-se a respeito das *fake news* e da importância das fontes confiáveis de busca de informações.

Assim, a abordagem do tema nos ambientes educacionais é fundamental e o uso de estratégias inovadoras, como a aplicação de jogos que possibilitam o desenvolvimento e a edificação, tanto do autoconhecimento do adolescente, como do conhecimento de mundo deste indivíduo. Além disso, a mudança de rotina proporcionada com a aplicação de jogos na educação pode estimular a participação integral do aluno, incentivando uma aprendizagem interativa e eficaz (Kishimoto, 2011).

O presente trabalho destacou uma das formas de expressão artística dos adolescentes, a elaboração de histórias em quadrinhos, que ilustraram como os adolescentes se sentiam em relação aos perigos da tecnologia, bem como a elaboração de um roteiro teatral a respeito da gravidez na adolescência, permitindo o entendimento de vivências individuais e coletivas, compreensão do contexto social, além da materialização de abstrações e do imaginário do adolescente. A utilização de métodos que estimulem a autonomia, a liberdade e o protagonismo do adolescente frente a sua educação sexual é de extrema importância para que a prática educativa se concretize em um fenômeno cultural resguardado pela memória (Huizinga, 2000).

De acordo com Costa (2017), o ser humano já nasce criativo e é através da expressão artística que se estimula essa criatividade. A ciência da aprendizagem já demonstrou por meio de estudos que o engajamento é fundamental para a retenção de conhecimento e que, quando os estudantes desempenham um papel ativo e dinâmico de forma criativa, eles conseguem lembrar e disseminar aprendizagens no longo prazo, trazendo sentido e aplicação para o processo de aprendizagem. Optou-se pelo uso desse tipo de metodologia em que o professor/facilitador constrói uma trilha de aprendizagem que combina práticas diversas, dentre elas dramatizações, estudos de caso, projetos, ensino entre pares, debates e discussões em classe e produção de conteúdo artístico.

A confiança criativa é algo a ser desenvolvido na fase da adolescência, e a oficina apenas uma sensibilização para essa necessidade, o fato de se chegar a um produto final, muitas vezes sofisticado, é muito importante e é um ingrediente para alimentar a confiança criativa dos participantes (Bacich & Moran, 2018).

Deve-se ressaltar as peculiaridades para a abordagem do tema em um ambiente digital. As mídias tradicionais como a televisão, rádio e jornais, têm sido gradativamente substituídas por novas tecnologias digitais, que permitem que crianças e adolescentes tenham acesso à informação, conhecimentos, interações sociais e exposição ao marketing (Chassiakos et al., 2016). Ademais, o uso excessivo da internet pode gerar adição (Salicetia, 2015), ou seja, um transtorno que gera dependência, expressando-se nas cinco formas internacionalmente catalogadas: i) o cyber sexo, ii) a relacional (das redes sociais), iii) o *Net Gaming Addiction*, que engloba jogos de azar, videogames, compras e comércio eletrônico obsessivo, iv) a busca de informações; v) adição por jogos (Deslandes & Coutinho, 2020).

Dessa forma, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) recomenda que os adolescentes não devem

permanecer isolados nos seus quartos, os pais precisam estabelecer limites de horário e mediar o uso da tecnologia, além manter o diálogo e abordar sobre valores familiares e regras de proteção social para o uso saudável, construtivo e crítico das tecnologias. Deleitar-se das oportunidades para conviver com a família e compartilhar momentos de prazer sem o uso da tecnologia, com planejamento de atividades longe da internet ou de celulares e computadores, realizando as refeições sem qualquer uso de tecnologias à mesa, entre outros cuidados.

Em relação ao tema sobre o diálogo dentro de casa dos adolescentes, é sabido que este diálogo estabelecido entre pais e filhos é essencial para a comunicação da família, o qual se amplia para as outras relações sociais durante o período escolar. Este foi um dos temas que foram abordados no encontro com os participantes. Se, ao contrário, esse diálogo acaba não existindo por abandono, falta de tempo ou de atenção, entre outros, a comunicação vai sendo interrompida e formando um distanciamento que, muitas vezes, pode se transformar em um abismo nos relacionamentos familiares (Neumann & Missel, 2019).

Conclusões

Verificou-se que os estudantes apresentaram concepções prévias superficiais a respeito do tema. A realização de vários encontros desenvolvidos no projeto “Pequeno Cientista”, propiciou a abordagem mais ampliada e profunda do tema, bem como maior integração e vínculo entre os adolescentes e os orientadores. Foram levantados vários questionamentos durante as rodas de conversa durante os encontros, observando-se uma evolução significativa em relação à desmistificação de conhecimentos empíricos, compreensão e apropriação dos conceitos biológicos, e olhar abrangente e reflexivo acerca dos aspectos sociais e culturais relacionados a prática da sexualidade na adolescência, bem como os riscos da internet, como evidenciado na apresentação do mural. Consideramos que a abordagem da educação sexual, por ser um tema amplo e complexo, deveria ser realizada de forma contínua durante o ciclo vital da adolescência, articuladas com as escolas e as famílias. Além disso, precisa englobar assuntos que permitam a compreensão e amadurecimento destes adolescentes sobre seus próprios desejos, necessidades e práticas saudáveis.

Contribuição de cada autor

Todos os autores participaram da redação do artigo e todas as etapas descritas na metodologia.

Referências

- Afonso, M. L. M. (2002). *Oficinas em dinâmica de grupo: Um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.
- Bacich, L., & Moran, J. (2018). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: Uma abordagem teórico-prática*. 1. ed. Porto Alegre: Penso Editora Ltda.
- Breuner, C C., & Mattson, G. (2016). Sexuality education for children and adolescents. *Pediatrics*, 138(2), 1-13.
- Buss, P. (2017). Agenda 2030: Onde estamos hoje? *Revista Radis*, 177, 22-26.
- Cabral, C. S., & Brandão, E. R. (2020). Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(8), 1-5.
- Costa, A. R. C. M. (2017). *O trabalho artístico infanto-juvenil: Uma análise crítica sobre a expressão através da arte*.
-

-
- (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11422/7527>
- Chassiakos, Y. L. R., Radesky, J., Christakis, D., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Council on Communications and Media. Children and Adolescents and Digital Media. *Pediatrics*, 138(5), e1-e18.
- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020) O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2479- 2486.
- Genz, N., Meincke, S. M. K., Carret, M. L. V., Corrêa, A. C. L., & Alves, C. N. (2017). Doenças sexualmente transmissíveis: Conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. *Texto Contexto Enfermagem*, 26(2), 1-12.
- Guzzo, K. B., Lang, V. W., & Hayford, S.R. (2021). Do adolescent sexual and reproductive attitudes and knowledge predict men and women's adult sexual partnerships? *Journal of Adolescent Health*, 68(1), 95-102.
- Huizinga, J. (2000). *Homo Ludens*. 4.ed. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Kishimoto, T. M. (2011). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez.
- Martins, C. B. D. G, Ferreira, L. O., Santos, P. R. M. D., Sobrinho, M. W. L., & Weiss, M. C. V. (2011). Oficina sobre sexualidade na adolescência: Uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. *Revista Mineira de Enfermagem*, 15(4), 573-578.
- Ministério da Saúde. (2016). *Aids. Escolha sua forma de prevenção*. Youtube, 20 de dezembro de 2016. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=hxG0bkfWuGY>
- Ministério da Saúde. (2017). Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. F. (2019). Família digital: A influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando Famílias*, 23(2), 75-91.
- Noll, M., Noll, P. R. E., Gomes, J. M., Soares Junior, J. M., Silveira, E. A., & Sorpreso, I. C. E. (2020). Associated factors and sex differences in condom non-use among adolescents: Brazilian National School Health Survey (PeNSE). *Reproductive Health*, 17(139), 1-13.
- Pan American Health Organization - PAHO. (2017) Accelerating progress toward the reduction of adolescent pregnancy in Latin America and the Caribbean. Recuperado de <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/34493/9789275119761-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y&ua=1>
- Prado, F. F., Lopes, G. Z. L., & Barbieri, M. R. (2017). Programa adote um cientista: Aprendizagem e difusão em ciências. *Ciência em Tela*, 10(2), 1-16.
- Profissão Repórter. (2017). *Gravidez na adolescência*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=N4RVm1yHYwo>
- Salicetia F. (2015). Internet Addiction Disorder (IAD). *Procedia*, 191, 1372-1376.
- Secretaria de Estado da Saúde (2017). *Guia básico de prevenção combinada: O que é? como fazer? Onde saber mais?* Recuperado de http://www.saude.sp.gov.br/resources/crt/publicacoes/publicacoes-download/guia_basico_de_prevencao_combinada_2.pdf
- Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). (2016). Manual de orientação. Saúde de crianças e adolescentes na era digital. [S. l.] SBP. Recuperado de https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf
- The Lancet. (2020). Preventing teenage pregnancies in Brazil. *The Lancet*, 395(10223), 468.
- Trigo, F. R., do Prado, F. F., Peticarrari, A., & Barbieri, M. R. (2017). Memória e divulgação: Ações educacionais da Casa da Ciência do Hemocentro de Ribeirão Preto na difusão do conhecimento. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 8(2), 91-102.
-

Veronez, L. C., Das Chagas, P. F., Salomão, K. B., Barbieri, M. R., Tone, L. G., & Scrideli, C. A. (2019). Genética e imunologia do câncer para alunos do ensino básico: Relato de uma experiência. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 10(2), 63-70.

Como citar este artigo:

Barbosa, N. G., Izumi, C., Vieira, K. J., Dionízio, L. de A., Holanda, J. B. de L., Godoi, V. M., Barbieri, M. R., & Gomes-Sponholz, F. A. (2022). Educação sexual na adolescência: Relato de experiência de três anos no Programa Educacional Pequeno Cientista. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 13(3), 277-290. <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/12488/pdf>
